



TROIS PERSPECTIVES LINGUISTIQUES SUR LA NOTION DE GENRE DISCURSIF



TRÊS PERSPECTIVAS LINGUÍSTICAS SOBRE A NOÇÃO DE GÊNEROS DISCURSIVOS

M. Jean-Claude BEACCO
Ana Gleysce Moura BRITO (Tradutora, URCA, Brasil)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A TRADUTORA](#)
RECEBIDO EM 19/02/2013 • APROVADO EM 01/04/2013

Abstract

This contribution examines how a complex entity as “genres” can be described in linguistic terms. It is assumed that genres are ordinary categories through which communication is analysed in speech communities and which organises everyday communication: we speak through genres, as M. Bakhtine used to write. In that sense, the study of genres (specially of the genres names) is part of folk linguistics. Genres can also be described as text types, which shows common features in structure, morpho-syntactic realisations, tone, theme... from a comparative point of view and using the categories of text linguistics. Genres are also part of institutions and expression of social and ideological conflicts: this socio-historical dimension could explain some of their formal and semantic features in the theoretical framework of discourse analysis. It is argued that these three forms of linguistic approaches of genres are together necessary to their description.

Resumo

Esta contribuição examina como uma entidade complexa como “gênero” pode ser descrita em termos linguísticos. Supõe-se que esses gêneros são categorias comuns através dos quais a comunicação é analisada em comunidades de fala e que organiza a comunicação cotidiana: nós falamos através de gêneros, como M. Bakhtin escreveu. Nesse sentido, o estudo de gêneros (especialmente dos nomes de gêneros) é parte da folk-linguística. Gêneros também podem ser descritos como tipos de texto, que mostra características comuns na estrutura, realizações morfossintáticas, tom, tema... a partir de um ponto de vista comparativo e usando as categorias da linguística textual. Gêneros também fazem parte das instituições e de expressão de conflitos sociais e ideológicos: essa dimensão sócio-histórica poderia explicar algumas de suas características formais e semânticas no quadro teórico da análise do discurso. Argumenta-se que essas três formas de abordagens linguísticas de gêneros devem necessariamente estar juntas para sua descrição.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse genre. Bakhtin. Folk linguistics. Linguistic descriptions. Discourse analysis.

PALAVRAS CHAVE: Gênero discursivo. Bakhtin. Linguística popular. Descrições linguísticas. Análise do discurso.

Texto integral

Desenvolveremos o ponto de vista segundo o qual a “questão dos gêneros discursivos” em linguística ganharia em clareza se reconhecêssemos, previamente, o estatuto epistemológico particular da noção de gênero discursivo ou de gênero do discurso. Adiantaremos que este é de natureza pré-linguística, porque se trata de uma noção de estatuto epistemológico ambíguo, bem como de vocábulos da linguagem ordinária (comum) utilizada como conceitos nas ciências da linguagem.

A problemática concernente aos gêneros discursivos poderia, então, enunciar-se da seguinte maneira: é, por um lado, de reconhecer que esta noção, apreendida globalmente, traz consigo a experiência humana, coletiva e reflexiva da comunicação verbal e examinar como esta pode ser (e tem sido) construída para ser articulada e/ou integrada aos dispositivos teóricos concernentes à linguagem e às línguas. Nesta perspectiva, gênero discursivo tende a invadir o espaço conceitual de discurso, a cuja sucessão ele parece ser candidato. Por outro lado, não se pode analisar a noção de gênero discursivo pelo que era originalmente: uma

categorização ordinária, intrinsecamente fluida mas que pode ser objetivada, da comunicação verbal. Como tal, levanta por sua vez diversos pontos de vista teóricos:

1) Da “linguística popular” (ou *folk linguistics*), domínio da sociolinguística, para a qual gênero discursivo é uma forma de representação metalinguística ordinária da comunicação, no saber comum.

2) De descrições linguísticas, para as quais gênero discursivo é um objeto verbal distinto do enunciado, do texto, do ato de linguagem, do tipo de texto.

3) Da análise do discurso, em sentido estrito, para a qual gênero discursivo é uma forma estruturante da comunicação social, constitutivo de lugares, cuja configuração decorre da situação sócio-histórica, em que estão ancoradas as formações discursivas e apreende o sentido social.

Estes são os três espaços descritivos, colocados como conjuntamente constitutivo de uma linguística para estas entidades linguísticas, culturais e sócio-históricas, que são os gêneros do discurso, que serão revisitados aqui.

1. Os gêneros discursivos como categorização ordinária do discurso

1.1 O gênero discursivo como forma da experiência ordinária da comunicação

Propomos, após M. Bakhtin, em seu esboço, agora famoso, sobre a questão dos gêneros (escrito em 1952-53), que o falante faz a experiência imediata da linguagem através dos gêneros verbais: “as formas da língua e as formas dos tipos de enunciados, ou seja, os gêneros do discurso, se introduzem em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja quebrada” (1984, p. 285). Os gêneros não caracterizam exclusivamente os textos ditos literários, mas constituem uma categoria de análise da comunicação social (ordinária, profissional...): é por isso que o gênero é utilizado como especificação do uso social da fala, que faz dele um conceito elegível para a linguística.

Estes elementos de análise são programáticos: eles constroem uma modelagem da própria natureza da competência linguística do falante como implementação de (pelo menos) uma língua no discurso, que se dá como especificada pelas formas particulares, supostamente distintas e potencialmente identificáveis por este último e pelos outros membros de seu (seus) grupo (s) de referência. O falante bakhtiniano não é definido pelo domínio de uma língua, mas por aquilo que poderia ser chamado repertório discursivo, isto é, pela possibilidade, variável segundo os falantes e segundo os momentos de sua vida linguística, de utilizar as formas genéricas da comunicação verbal e de empregá-las em função de suas necessidades. Além disso, o próprio M. Bakhtin utiliza o termo *repertório*: “toda situação cotidiana estável comporta uma audiência organizada de certa forma, e, portanto, certo repertório de pequenos gêneros cotidianos.” (TODOROV, 1981) (1929, *Marxismo e filosofia da linguagem*, citado por T. Todorov 1981, p. 127) embora este não seja considerado do ponto de vista do falante.

A experiência dos gêneros discursivos pode ser realizada a partir de um modo de ser compartilhado das línguas, o que dá conta da imediaticidade destes para o não-especialista em linguística. Os gêneros discursivos são tanto mais próximos dos falantes quanto eles enformam a comunicação social e constituem uma matéria-prima possível para a criação das comunidades, nacionais em particularⁱ, mas também das comunidades de comunicação. D. Hymes define a comunidade de comunicação como “Uma comunidade tendo em comum as regras que regem o desenrolar e a interpretação da fala, e as regras que regem a interpretação de pelo menos uma variedade linguística.” (1972). Estas regras, muito próximas das formulações bakhtinianas (“os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas)” (1984)) se manifestam sob a forma de evento de comunicação (*eventos de fala*), que são centradas em um gênero discursivo. Os gêneros discursivos constituem o essencial da matéria tratada nas abordagens etnológicas (BEACCO, 1992), contrastivo-comparativas do discurso.

1.2 Os gêneros discursivos como representações metalinguísticas ordinárias

Os gêneros discursivos constituem a forma imediata sob a qual a língua é tomada pelos falantes: eles são capazes de utilizá-los e de identificá-los. Para os falantes, a matéria discursiva é em si objeto de referência. Esta capacidade dos falantes para categorizar o discurso decorre de uma elaboração metalinguística ordinária, cujos elementos emergentes são os nomes dos gêneros. Todos os nomes de gêneros não procedem desta atividade de categorização ordinária, mas a noção de gênero do discurso parece originar-se dessa atividade classificatória prévia para toda classificação científica. Desta “ciência selvagem”ⁱⁱ da linguagem, queremos demonstrar que a noção de gênero é elaborada e ativada desde a aurora da reflexão linguística. Note-se também que a categoria de gênero de discurso tende a ser definida mais sob forma extensional que intensional, o que constitui um índice de seu baixo grau de abstração. Este fenômeno é perceptível mesmo nos escritos da linguística erudita: assim, D. Hymes, em um momento teórico, entretanto crucial (elaboração do modelo chamado SPEAKING), não define o comportamento do componente nº 16 de seu modelo, o gênero, que especifica as normas de interação e interpretação colocadas como “regras que regem a fala” (1972). Gênero é definido por uma série enumerativa aberta de nomes de gêneros:

Gênero. Esta palavra se aplica a categorias tais como: poema, mito, conto, provérbio, adivinhação, maldição, prece, discurso solene, conferência, carta comercial, editorial, etc. Sob certo ângulo, analisar a fala nos atos é analisar exemplos de gênero. A noção de gênero supõe que seja possível identificar características formais que são tradicionalmente reconhecidas. (1972, p. 145).

O único elemento de especificação do gênero discursivo como forma de interação é o recurso ao caráter consensual de sua identificação, produto de uma convergência histórico-social (tradição), que construiu o gênero discursivo como uma categoria metalinguística dentro do conhecimento ordinário, mas formalmente descritível, embora a natureza dessas formas não seja definida.

As denominações dos gêneros discursivos são mantidas como componente do modo de ser primeiro e pelo padrão dos gêneros discursivos. Não constituem, de modo algum, uma classificação sistemática (não sendo uma tipologia construída). Emergem nos discursos e no léxico da língua sob forma de repertório, díspares e elementos pouco unidos, de formas discursivas.

1.3 Analisar as representações metalinguísticas ordinárias dos gêneros discursivos

O programa de uma linguística dos gêneros, instaurada nesta perspectiva, decorre do estudo científico das representações metalinguísticas ordinárias (BEACCO, 2001), concernente à linguagem, às línguas, sua aprendizagem..., tal como elas são ativadas, construídas ou reelaboradas na interação verbal, sob forma, por exemplo, de definições ou opiniões, por não especialistas da linguagem. Permanece amplamente por alcançar.

O setor mais desenvolvido, sem dúvida um pouco prematuramente, é o da *tipologização* (PETITJEAN, 1989). Mas a atividade classificatória dos gêneros discursivos foi contaminada pela classificação relativa aos tipos de discursos: este lhe é paralelo, mas baseia-se em outro material além dos nomes de gêneros, uma vez que as classes de tipos discursivos são entidades abstratas não mediadas pelo léxico de uma língua. Esta atividade classificatória não escapa de forma alguma à oscilação dialética inerente a toda classificação, ou seja, a transição de uma forma fixista para uma genealógica. Por fim, faltam dados etnográficos e sociolinguísticos, que permitiriam especificar o material epilinguístico dos nomes de gêneros discursivos e a natureza dos repertórios discursivos dos falantes ou grupos de falantes. Deve-se salientar, contudo, a pesquisa sociolinguística de P. Parmentier (1986), de tipo etnológica, realizada em torno das práticas escriturais ordinárias (FABRE, 1993). Para caracterizar a cultura metalinguística de uma comunidade comunicativa, seria oportuno realizar uma coleta de dados, sob forma de pesquisa de natureza etnográfica, como percebem Niedzielski e D. Preston (2000).

2 Os gêneros discursivos como tipos de textos

Se, no léxico das línguas, nomes de gêneros discursivos ordinários estão presentes, coloca-se então a questão de caracterizar o modo de ser das entidades verbais. Se tais nomes denotam formas identificáveis da comunicação verbal, esses constituem objetos descritíveis no quadro da ciência da linguagem. Este território

descritivo relativo às características formais e composicionais dos gêneros discursivos é, sem dúvida, o mais familiar ao leitor. Nós não apresentaremos, portanto, uma síntese dessas análises linguísticas, mas nos limitaremos a salientar algumas dificuldades metodológicas que elas apresentam.

2.1 Gênero, tipo, *corpus* e artefato

A primeira dificuldade metodológica a ser enfrentada para elaborar essas descrições é a delimitação do material verbal a considerar: quais textos (como objetos empíricos) são mantidos como sendo a atualização de um gênero discursivo específico, que permitem caracterizar suas regularidades formais? Ora, para efetuar esta escolha de fundação, deve-se já postular a existência plena de um gênero, cujos textos selecionados são considerados a sua atualização: circularidade perniciosa, visto que o gênero define o *corpus*, mas deve-se, contudo, analisar este para decidir sobre a consistência do gênero considerado e sobre sua própria forma de comunicação. As características comuns a um conjunto de textos estabelecidos em *corpus*, sobre a base de sua pertença comum suposta a um gênero, pode não levar a caracterizar um tipo de texto, uma vez que este conjunto pode não retornar a qualquer representação metalinguística correspondente. Ao contrário, um nome de gênero discursivo, atualizando uma representação linguística ordinária, pode não corresponder às baixas características do material discursivo considerado, que pode constituir um artefato, uma vez que é raro não colocarmos em evidência os pontos comuns a um conjunto de textos mesmo constituídos de maneira aleatória.

Regularidades compartilhadas, estabelecidas a partir de um *corpus* de textos, são atribuídas tanto a um gênero discursivo quanto a um tipo de texto a partir das consequências sobre as modalidades de interpretação dessas regularidades. A descrição constitui um fim em si mesmo, que não exige, de fato, dispositivo interpretativo. Se admitirmos que a análise linguística dos gêneros do discurso tem por objetivo colocar em evidência as restrições, os regulamentos ou as características dominantes do material verbal de gêneros que são classificáveis sob um gênero específico, isso significa dar aos gêneros discursivos o *status* epistemológico (mas apenas epistemológico) de categoria tipológica. Mas isso não significa que eles são obrigados a ter o mesmo modo de ser teórico dos tipos e

tipologias textuais. Em matéria de descrição linguística dos gêneros, a prudência metodológica exige que se detenha os conjuntos de textos que examina a consistência perante os nomes de gêneros, atestando o caráter compartilhado das representações sociais a eles associados.

2.2 Variabilidade dos gêneros discursivos

Muitos autores têm notado o caráter instável dos gêneros discursivos: o impacto das “regras de gêneros” sobre os textos não parece ter a mesma visibilidade, mesmo para o observador especialista, que as “regras de gramática” sobre a frase ou enunciado. Esta dificuldade em identificar linguisticamente as características de textos que atualizam um mesmo gênero discursivo será considerada o único sintoma da problemática da heterogeneidade, da instabilidade ou da variabilidade, que são de ordem diferente. Dever-se-ia também especificar as formas de diferenças envolvidas por estes três últimos termos, não equivalentes no plano conceitual.

A primeira forma de variabilidade é de natureza metodológica e diz respeito à identificação das características discursivas genéricas e sua quantificação. É uma banalidade recordar que a identificação de signos linguísticos pertinentes para a descrição de textos pressupõe que sejam estabelecidas as categorizações teóricas deste. Mais a sério, a quantificação não resolve mecanicamente a questão do conhecimento se tal regularidade linguística observada deve ser considerada um marcador do gênero em questão: De fato, nos levou a distinguir a consistência de uma regularidade (massa linguística quantificável) e sua representatividade (seu caráter de marcador genérico), já que a presença importante de um signo ou de um conjunto de signos não é necessariamente um traço distintivo genérico. Uma abundância do eu não é o marcador exclusivo de um conto autobiográfico. O termo *marcador* refere-se, portanto, não apenas a uma característica linguística, cuja consistência é objetivada, mas a uma sinalização, de natureza social, tradicionalmente conhecida como a indexação de um gênero: basta a ocorrência (introdutória, é verdade) de *Era uma vez* para sinalizar um conto.

Outra forma de variabilidade, também comumente apreendida, é aquela que se manifesta quando há relato de textos necessários para cair no mesmo gênero da

forma discursiva que eles atualizam, e estima-se a conformidade desses aos padrões genéricos. A dificuldade é que essas regularidades genéricas têm sido apreendidas a partir de um corpus de textos, dos quais se sabe que podem atualizar o gênero discursivo de maneira diversamente fiel. Não resta menos que situar-se numa linguística lá do passado e esta voltar a considerar o gênero discursivo como um tipo. Para determinar esta conformidade dos textos a um gênero discursivo, foram utilizados outros tipos de termos como protótipo (estereótipos), matriz (BEACCO, 1988), modelo, horizonte de expectativas, conjunto de regras, regulamentos, normas e a lista não está fechada. Esses termos referem-se a semas como similitude (por filiação, reprodução, duplicação...), como constrangimento de intensidade variável (o modelo é ambíguo deste ponto de vista, e/ou como referente abstrato).

Esta é a análise linguística da conformidade de textos para um gênero que instaura os gêneros discursivos em “categorias prototípicas-esteriotipadas [...] definíveis pelas tendências ou gradientes de tipicidade, por feixes de regularidades e critérios dominantes, mais do que pelos critérios mais restritos” (ADAM, 1999). Esta constatação de instabilidade, potencialidade e relatividade dos textos, considerada como dentro do mesmo gênero discursivo, a partir do modelo que eles atualizam, confirma o status de representação social compartilhada da noção de gênero: este último age como uma norma do comportamento verbal e não como uma norma linguística. Porém, isso não põe em causa o *status* de representação metalinguística do gênero discursivo, que não é colocado como tipo para as necessidades de análise linguística.

Este posicionamento epistemológico autoriza o exame da oscilação de textos em comparação com uma “bacia discursiva” identificadora: ele fundou a finalidade das análises linguísticas dos gêneros discursivos, que é estabelecer quais formas linguísticas constituem as características prototípicas de um gênero discursivo e quais formas de variação em relação a este protótipo são constatáveis nos textos. Este ponto de vista heurístico parece proibir a apresentação de um gênero discursivo específico como sendo ele próprio heterogêneo: podemos, no máximo, afirmar que ele é constituído de tipos de discursos ou que empresta regimes discursivos (BEACCO, 1992) diferentes, que são, portanto, as categorias de análise. Ele não pode mais se encarregar da questão da interpretação das

regulações constitutivas de um gênero discursivo: as variações constatáveis de texto para texto em um mesmo gênero estão, sem dúvida, relacionados a contextos imediatos e circunstanciais (dependendo do lugar e do momento, que remete a um condicionamento dos discursos), aqueles das formas genéricas de configurações estruturantes (que remete às condições “profundas” de produção).

É a partir dessas condições de produção de gêneros como forma discursiva (e não as condições de produção de textos como ocorrência de um gênero discursivo) que podemos nos interrogar, linguisticamente, sobre outra forma de variabilidade de gêneros discursivos, que é intrinsecamente diferente entre eles, porque eles não parecem apresentar as mesmas formas de estruturação.

Com efeito, podemos caracterizar cada gênero pelas características linguísticas que permitem ao analista desenhar os contornos de cada um, mas essas categorias são de uma rentabilidade descritiva muito variável consoante o gênero considerado. Isto indica que as formas de regularidades genéricas são elas mesmas diversas, não em seus conteúdos, mas nos modos como enformam cada gênero. Assim, alguns são muito marcados pelos objetos de discursos que os constroem (por exemplo, as anedotas), mas outros apresentam uma variedade ampla de discursos (conversação entre amigos). As constantes de linearidade (sucessão regular e previsível de elementos discursivos) são muito evidentes para alguns (comunicações breves, artigos científicos das ciências exatas), mas quase nulos para outros (artigos de divulgação científica na imprensa cotidiana). Alguns são formulares, tomados da análise automática e permanente de produção de novos textos por substituição lexical (pequenos anúncios, convites, felicitações...), outros não são nem codificados, nem repetitivos, mas ainda relacionados. As estruturas sintáticas das frases podem caracterizar alguns (escritos técnicos, horóscopo, dicionários), enquanto algumas regularidades desta natureza são detectáveis nas homílias ou diários. D. Maingueneau (2002, p. 322-323) propõe uma nova classificação dos gêneros discursivos, precisamente a partir do nível de intensidade que enformam suas realizações verbais: ele distingue, na ordem decrescente de condicionamento do modelo genérico sobre os textos, gêneros formulares ou a baixa variação (construídos a partir de formas e de esquemas) aqueles comandados por *scripts*, aqueles que colocam em jogo cenografia cuja escolha retorna ao enunciador, aqueles que implicam a criatividade (como a

publicidade) e aqueles para os quais não existem formatos preestabelecidos, mas, apenas zonas genéricas determinadas.

Os gêneros são, portanto, considerados entidades discursivas para a geometria verbal. As “cristalizações” linguísticas que os caracterizam parecem mais salientes nos gêneros discursivos da esfera profissional, científica ou técnica (onde podem ser objeto de ensinamento explícito de normas institucionais de produção, implicando um controle de conformidade) do que na socialização ordinária, constituinte do repertório discursivo comum aos membros de uma mesma comunidade. Esse modo de ser linguístico dos gêneros discursivos traduziria a natureza variável das “regras de discurso”, que os estrutura, bem como a latitude deixada pelo enunciador singular. Isso se refere à diversidade de condições sócio-institucionais de produção dos gêneros, ou seja, de fato, a interpretação que pode se dar das regularidades discursivas observáveis.

Esta segunda perspectiva enquadrando a descrição de gêneros discursivos pode pretender ser considerada, mais do que a anterior, como uma linguística do discurso, na medida em que seus objetos e procedimentos, suas raízes no material verbal e suas categorias analíticas fazem dela um dispositivo que não se diferencia fundamentalmente, deste ponto de vista, da linguística da frase. Este “nível-texto” de análise apresenta sua própria coerência teórica e, portanto, sua autonomia. Mas não é para considerar por si só, no que diz respeito à descrição de gêneros discursivos, que a ausência de dispositivo teórico confiável endosse a interpretação dos seus resultados (BEACCO, 1994). Isso só faz sentido, na perspectiva da análise do discurso, na medida em que ele garante a articulação entre uma etnolinguística e uma topologia de gêneros discursivos. Este tem a função de tornar possível uma interpretação controlada das relações que as formas verbais dos gêneros discursivos têm com lugares sociais que os enformam e, em troca, os estruturam.

3 Os gêneros discursivos e a espacialidade social

O projeto de análise é, como sabemos, articular formas discursivas a lugares, definidos mais amplamente do que pelas dimensões da situação da enunciação, que é uma construção de natureza linguística, sem dimensões sociais.

Este projeto foi realizado sob duas formas dominantes, que tem em comum constituir um dispositivo interpretativo explícito das regularidades linguísticas observadas nos gêneros discursivos ou mesmo no corpus de textos constituídos sobre bases não genéricas.

3.1 Objetos de discursos e especialidade das formações discursivas

A primeira forma dominante consiste em determinar a forma semântica e as formas de construção ao longo de textos, conceitos, esquematizações, ou na concepção de J.-B. Grize, objetos de discurso. Sua finalidade é destacar o trabalho de montagem linguística dessas representações, como ocorre no discurso, de modo a revelar o sentido resultante da sociedade. Por sentido social, vamos entender o valor atribuído a uma dada situação, para elementos lexicais que, fora desta contextualização, não têm sentido senão abstrato, enquanto que, no espaço do debate coletivo, significam, em última instância e de maneira eventualmente antagonista, dispositivos legais e/ou materiais distintos, interpretáveis “a partir de uma dada posição”, que refletem os modos de construções desses significados. Estas análises – lexicais, na maioria das vezes – contam com dispositivos descritivos como os paradigmas designacionais (MORTUREUX, 1993). O ato linguístico de interpretação consiste em desmontar a esquematização, como produto/processo, descrevendo-a, e em localizá-la nas formações discursivas, de natureza ideológica e historicamente constituídas.

Outra forma assumida pela análise do discurso é centrada nos gêneros e nas suas formas. Ela se concentra em compreender não a forma de texto em relação a um gênero discursivo (identificação das regularidades), mas das formas dos gêneros discursivos em relação aos lugares de produção, de difusão e de recepção em que eles se inscrevem e que caracterizam (interpretação das regularidades). O que está em jogo é interpretar a variabilidade intrínseca dos gêneros discursivos e retornar ao que produz essas regulações, prescrições ou convenções, cuja força normativa é de impacto variável de acordo com os gêneros discursivos considerados. Esta é a única perspectiva que adotamos agora.

A descrição dos gêneros discursivos inclui, portanto, um componente cuja função é explicar as regularidades que os caracterizam. Este dispositivo

interpretativo não pode ser deixado exclusivamente à sagacidade individual do descritor, embora ela seja muitas vezes esclarecedora. Ele não pode mais se realizar plenamente pela elaboração de tipologias formais, que são produtos da análise, em que os gêneros discursivos são abordados em sua tipicidade e que não tem valência interpretativa. Uma direção de pesquisa elaborada há algum tempo e que mereceria ser seguida um pouco mais é a dos espaços sociais em que se inscrevem os gêneros discursivos. Não se trata tanto de retornar à sociologia da comunicação quanto de construir, em concordância com os dados, o conceito de configurações etno/sócio-históricas que permite descrever os efeitos linguísticos dialéticos desta localização dos gêneros discursivos sobre a estruturação dos lugares sociocomunicativos e destes lugares sobre as formas linguísticas dos gêneros discursivos.

3.2 Localização dos gêneros: “espécies de espaços”ⁱⁱⁱ

O que está em questão é a determinação das *unidades espaciais* ou *esferas de uso* mais aptas a constituir um quadro teórico que dê conta da organização dos gêneros discursivos. Distinguiremos as noções de *lugar* e de *redes de lugares*, tais como têm sido utilizadas na análise do discurso dos anos 70, porque elas estão em um nível topológico diferente, aquele de uma tectônica de formações discursivas antagonistas, cuja configuração é mais determinante, *a priori*, para os objetos de discurso do que para as formas genéricas que eles usam. Nós não manteremos mais a noção de evento discursivo, utilizada, após D. Hymes, por J. Swales [“Um gênero é uma classe de eventos comunicativos” (1990, p. 45)], porque constitui uma categoria derivada, devendo ser ela própria definida em termos de espaço-tempo.

O conceito de *comunidade discursiva* parece mais adequado a esses fins teóricos, porque não é estritamente sociológico nem unicamente linguístico. O emprego desta categoria “espacial” não é novo nem na etnografia da comunicação, em que apareceu sob a forma de “comunidade de comunicação”, nem na Escola Francesa de análise do discurso.

Este conceito de comunidade discursiva, como constituição que recebe sua coerência de práticas discursivas, independentemente

da natureza de sua organização social e técnica, [...] é capaz de garantir a constituição de espaços discursivos estruturados... (BEACCO et MOIRAND, 1995, p. 49).

Esta opção conduz a pesquisar os traços suscetíveis de permitir uma caracterização de diferentes formas de comunidades discursivas. Poderíamos usar descritores como:

- Os gêneros de discursos utilizados para comunicação interna e para a comunicação com o exterior da comunidade;
- O estatuto, hierarquizado ou não, de produtores de textos relativos de dados gêneros na comunidade discursiva;
- As condições de acesso ao estatuto de produtor de textos relativos de gêneros internos;
- As “cadeias genéricas” constituídas pelas elaborações sucessivas de um mesmo “material semântico” que ocorrem sob formas genéricas distintas (por exemplo, despachos de agência de notícias, arquivos, testemunhos, e entrevistas confluentes nas reportagens);
- As condições de acesso aos gêneros internos (confidencial, reservado, público...);
- A existência e o papel dos organismos institucionais de avaliação, de normatização ou de controle, variável de acordo com os gêneros discursivos;
- As cadeias genéricas externas (transmissão) a considerar em função do “grau de separação” em relação à comunidade de origem;
- O estatuto e a localização dos produtores (internos e externos) de textos;
- Sua especialização ou versatilidade genérica;
- Os destinatários dos gêneros externos e a utilização pretendida desses textos;
- O estatuto de mercadorias de textos produzidos em um dado quadro genérico.

Este conjunto de parâmetros, muito preliminares, desenha o que poderia constituir uma infraestrutura, para elementos discretos, por dispositivos interpretativos que autorizam a atualização relacionada a traços linguísticos dos

gêneros discursivos e a localização deste em relação a essas comunidades. Em *Astronomia na mídia* (BEACCO, 1999, p. 13-16), várias categorias de comunidades discursivas foram propostas como lugares onde se inscrevem os gêneros discursivos nas condições de produção, de difusão e de recepção especificadas. Um aprofundamento da pesquisa nesta direção conduziria, provavelmente, à elaboração de uma cartografia dos gêneros discursivos colocados sobre a organização interna das diferentes categorias de comunidades discursivas e tendo em conta suas relações.

Mas esta especialidade em núcleos não é a única forma possível da estruturação dos lugares do discurso. Ela não reflete o posicionamento de todos os gêneros discursivos, uma vez que alguns, potencialmente, entram no repertório discursivo de todos os membros de uma comunidade de comunicação e são também transversais a todas as comunidades discursivas. Trata-se de gêneros discursivos da socialização comum (família, amigos, serviços...), que não sabemos se correspondem aos gêneros do discurso cotidiano de Bakhtin (1984, p. 266 e 271). Não é certo que esses gêneros da conversação, à qual devem ser adicionados os gêneros escritos comuns correspondentes, constituem um conjunto homogêneo em termos de condições de emergência e de interpretação das regularidades genéricas que os caracterizam. Podemos, pelo menos, segundo D. Hymes, manter a hipótese de que há na obra normas de comportamentos languageiros, sociológica e culturalmente variáveis, definindo, em particular, culturas da linguagem diferentes de uma comunidade para outra, para interpretar antes em termos de conformidade social que de instituições.

Por último, o espaço midiático é de outra natureza ainda. Constitui, com efeito, um mercado de gêneros discursivos e de textos, alimentado pelas comunidades discursivas que produzem mercadorias, que são precisamente textos indexados em relação a um gênero. Mas este espaço tende a ser confundido com o espaço público das comunidades sociopolíticas, que é onde circulam e se confrontam opiniões e valores. As constantes linguísticas dos gêneros discursivos que aí existem (reportagens, editoriais, entrevistas, programação de jogos, entretenimento...) devem provavelmente ser apreendidas em relação ao valor que dão ao produto midiático (diante, por exemplo, do envelhecimento dos gêneros televisivos), no quadro de estratégias da criatividade industrial de gêneros, e em

relação às expectativas do público numa proporção da oferta e da demanda, em que a oferta está em posição de condicionar a demanda. De fato, no espaço midiático, são os objetos do discurso e, mais geralmente, as esquematizações também expostas, que focalizam mais precisamente as análises. Mas, além da caracterização de tal ou tal objeto de discurso (frequentemente proposta aos pesquisadores pela situação política), é possível destacar a eventual existência de processos regulares de construção das esquematizações ou das formas prototípicas estáveis, características de um gênero discursivo, considerando que estas representações discursivas foram apreendidas particularmente nos trabalhos fundadores de J.-B. Grize, fora da inscrição de um gênero discursivo dado.

Essas observações têm buscado articular três perspectivas dos gêneros discursivos, que constituem a “linguística” correspondente. Inventariar as representações sociais de gênero através das pesquisas em que o léxico, em suas dimensões metalinguísticas não-acadêmicas, enseja a identificação de conjuntos de textos considerados como a atualização de um gênero estabelecido. A análise linguística destes leva a pôr em evidência a natureza de suas constantes linguísticas e a consistência linguística do gênero considerado. Essas regularidades dependem, por sua vez, de um tratamento explicativo/interpretativo, que não é de ordem militante ou subjetiva, mas que se efetua de maneira explícita e reproduzível no quadro que constitui a análise das relações entre as constantes linguísticas e os lugares, definidos de maneira discreta, estes também sobre bases linguísticas, em que se inscrevem os gêneros discursivos. Esta configuração de gêneros deveria fundar, por sua vez, a análise dos repertórios genéricos e esses modos de constituição e de circulação do sentido societal.

Referências

ADAM, J.M. (1999). *Linguistique textuelle*. Des genres de discours aux textes. Nathan Université, Paris.

BAKHTINE, M. (1930, trad. fr 1981). “La structure de l'énoncé”. In: TODOROV, T. (1981). 287-316. (publication partielle 1979, trad. fr. 1984). *Les genres du discours, dans Esthétique de la création verbale*. Gallimard, Paris, 265-308.

BEACCO, J.C. (1992). "L'explication d'orientation encyclopédique: remarques sur un régime discursif". Les Carnets du CEDISCOR 1. Presses de la Sorbonne nouvelle, 33-54.

BEACCO, J.C. - dir. (1992). "Ethnolinguistique de l'écrit". *Langages* 105.

BEACCO, J.C (1994). "Données multilingues et descriptions des textes: enjeux théoriques", dans Moirand S. étal., dir.: *Parcours linguistiques de discours spécialisés*. Peter Lang, Berne, 263-270.

BEACCO, J.C -dir. (1999). *L'astronomie dans les médias*. Analyses linguistiques de discours de vulgarisation. Presses de la Sorbonne nouvelle, Paris.

BEACCO, J.C. et MOIRAND S. (1995). "Autour des discours de transmission des connaissances". *Langages* 117, 32-53.

HYMES, D. (1972, trad. fr. 1980). "Modèles pour l'interaction du langage et de la vie sociale". *Études de linguistique appliquée*, n. 37, 125-153.

FABRE, D., dir.(1993). *Écritures ordinaires*. Éditions P.O.L/Centre Georges Pompidou, Paris.

MAINGUENEAU, D. (2002). "Analysis of an academic genre". *Discourse Studies*, 4/3, 319-341.

MORTUREUX, M.-F. (1993). "Paradigmes désignationnels". *Semen* n. 8, 121-141.

NIEDZIELSKI, N. et Preston D. (2000). *Folk Linguistics*. Mouton De Gruyter, Berlin/New York.

PARMENTIER, P. (1986). "Les genres et leurs lecteurs". *Revue française de sociologie*, n° XXVII-3, 397-430.

PETITJEAN, A. (1989). "Les typologies textuelles". *Pratiques*, n. 62, 86-125.

TODOROV, T. (1981). *Mikhaïl Bakhtine*. Le principe dialogique suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Le Seuil, Paris.

Para citar este artigo

BEACCO, M. Jean-Claude. Três perspectivas linguísticas sobre a noção de gêneros discursivos. Tradução de Ana Gleysce Moura de Brito. [Original em francês: Trois perspectives linguistiques sur la notion de genre discursif]. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 1, p. 187-204, abr. 2013.

A Tradutora

Ana Gleysce Moura Brito é graduanda em Letras (Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas) pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Participante do Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários - NETLLI. Membro do Ateliê de tradução de Língua Francesa-NETLLI.

ⁱ Ver, por exemplo, O. Roy (1997): *A nova Ásia central ou a fabricação de nações* (limiar) ou A.-M. Thiesse (1999): *A criação das identidades nacionais* (limiar).

ⁱⁱ Reprise do título de um trabalho coletivo (1993): *A ciência selvagem. Conhecimento popular com ethnosciences*, coll. Pontos de ciências, limiar, Paris.

ⁱⁱⁱ G. Perec não poderia ser convocado a propor gêneros, ele que conhece a habilidade de falsificador genérico: *Cantatrix sopranica L. e outros textos científicos* (1991, limiar).